

FOGO



Fogo

Copyright © 2019 Larissa Brasil Todos os direitos reservados à autora.

É proibida a reprodução.

Nenhum trecho desta obra poderá ser reproduzido, transcrito, copiado ou transmitido por meios eletrônicos ou gravações, assim como traduzido, sem a permissão, por escrito, do autor. (Lei 9610/98)

Diagramação/Editoração de capa/revisão: Larissa Brasil

Esta é uma obra de ficção, qualquer semelhança com nomes, pessoas, factos ou situações da vida real terá sido mera coincidência.

Brasil, Larissa
Fogo/Larissa Brasil; Goiânia – Go 2109

Para minha xará que também é fã de The Smiths.

Fogo

Não sabia ao certo, ainda não havia encontrado o sentimento exato. Era como um vício, uma compulsão, algo que a movia e que fazia com que quisesse sempre mais. Por vezes se perdia tentando identificar o que era com exatidão. Nunca conseguiu. Mas sempre terminava a noite pensando nos cabelos de Sarah, balançando com o vento, emanando aquele cheiro conhecido de jasmim. Aquele balançar de ondas a ninavam e a fazia sonhar com fogo, que incendiava e consumia cada parte do corpo. O calor se alastrava e dominava toda a extensão da alma. Queimando e queimando e queimando, a deixando cada vez mais viva.

11:11. Os números piscavam feito brasa vermelha no painel do carro. Lembrou-se do que a vizinha disse outro dia:

— *Quando o relógio marca 11:11 significa que o universo está conspirando a seu favor. Presta atenção no que se está pensando.*

Em que estava pensando mesmo? No fogo que exalava dos cabelos de Sarah, que incinera os pensamentos e a abraça, como um agasalho de linha.

— Se isso não era coisa do universo — disse, sorrindo.

O parque ficava aberto até a meia noite, mas havia poucas pessoas naquela hora. Os guardas de bicicleta faziam a ronda, cansados. Em nove minutos o carro preto dela parou. Sarah fez o mesmo ritual de sempre: amarrou os cabelos, dando três voltas no elástico, trancou o carro, deu play no celular e colocou os fones de ouvidos brancos...

Cadê os fones brancos? O que será que aconteceu?

Os grandes *headphones* pretos gritavam para ela. Cronometrou a volta: dez minutos. Ela estava ficando mais rápida. Era nítido como a cada mês Sarah parecia mais confiante e determinada, estava mais magra também. A vontade de falar com ela se sentou no banco do passageiro, atrevida. Teria coragem dessa vez? O que perguntaria?

— *O que aconteceu com seus fones de ouvidos brancos?*

Riu sozinha no escuro do carro. Sabia que uma simples troca de fones a consumiria por dias, qualquer coisinha que Sarah fizesse fora da rotina a queimava como sol do meio dia, deixando marcas permanentes para ser lembrada durante muito tempo. A vontade ardeu mais um pouco. Era uma ânsia na boca do estômago que fazia cada ossinho vibrar. Amarrou os cabelos, dando três voltas também e atravessou a rua apressada. O coração estava em obras.

Se acalma, porra!

Respirou fundo, ainda faltava três minutos para ela aparecer para a última volta. Tentou se concentrar em algo. Uma música iria bastar. Vamos lá. Qualquer uma. *Come*

*baby light my fire*¹. Dois minutos. *Come baby light my fire*. Um minuto. *Come baby light my... FIRE*.

O jasmim dos cabelos chegou primeiro ao nariz e a acalmou por completo. Nada mais no mundo importava. Os passos leves de Sarah passaram e ela correu atrás, passo a passo, quilômetro por quilômetro. Prestou atenção na música que saia dos fones pretos dela. *The Smiths*.

*There is a light that never goes out*². *There is a light that never goes out*.

Parecia um sinal. Sim, o sinal que ela precisava. Quando Sarah parasse para se alongar, poderia falar com ela. Uma vez. Como quem não quer nada. Uma única vez. Perguntar qualquer coisa.

— *Calor né?*

Perguntaria sem olhar para ela. Não... Falar do calor é algo tão besta.

— *Olha que lua linda!*

Elas olhariam juntas para o céu. Não... Melhor falar da banda, não tem erro falar dos Smiths.

— *The Smiths é minha banda favorita*.

Isso, pensou determinada. Parou ao lado de Sarah, não havia mais ninguém na área. Era a deixa, somente elas. Abriu a boca, mas a única coisa que saiu dos lábios foi a letra da música que grudou na cabeça como quem não quer nada, mas querendo tudo.

*“Take me out, tonight. Where there's music and there's people, who young and alive.”*³

Viu pelo canto dos olhos quando Sarah se aproximou e olhou para ela. Não conseguiu olhar de volta. Ela respirava muito perto e isso bagunçou os sentidos e todo o planejamento. Os pensamentos a deixaram tonta. Havia calculado tudo errado, não era para ela estar tão perto, onde o perfume e o fogo dos cabelos eram fatais, reais e a tornavam tão vulnerável. Nocaute. Só percebeu que havia caído quando viu o céu estrelado e o risco fino da lua no céu, rindo de volta para ela. As nuvens pareciam pedaços de algodão doce. Doce. O cheiro doce do jasmim entrou nariz adentro.

A câmera lenta começou a rodar. O pedaço ondulado dos cabelos dela apareceu devagar no campo de visão. Fogo. Os olhos dela piscaram e piscaram, feito holofotes, o brilho dos lábios molhados de saliva e a pele corada da corrida. *Fire*. Ela falava algo, mas não conseguia prestar atenção. Era muita informação. Fogo, fogo, fogo.

¹ Música do *The Doors*. Tradução – “Venha, meu amor, acender meu fogo.”

² Música do *The Smiths*. Tradução – “Tem uma luz que nunca se apaga.”

³ Música do *The Smiths*. Tradução – “Leve-me para passear hoje à noite. Onde tenha música, pessoas jovens e cheias de vida.

“Oh god my chance has come at last.”⁴

E a câmera começou a rodar muito depressa. Sentiu um ardor no peito. O fogo a consumia de novo. Cada veia, cada célula era queimada, clamava por ar, consumida em uma fermentação sem fim. Piscou sem querer parar de olhar para ela e tentou puxar o ar que lhe faltava nos pulmões. O vento soprou e o que era brasa se transformou em fogueira quando Sarah encostou os lábios molhados nos dela. A dor aguda cortou o peito, os lábios carnudos e molhados se prenderam nos dela e o ar de Sarah foi soprado para dentro, para dentro e para dentro dela. Erupção.

E percebeu pela primeira vez que a cor dos olhos dela eram, na verdade, castanhos esverdeados, mais verdes do que castanhos. Verdes como as folhas das palmeiras do parque. Fez força para cantar a música, mas só ouvia o samba enredo na cabeça e no peito. Tum-Tum-Pá-Ti-Cum-Dum. O fogo se transformou em cinzas e o silêncio se fez quando ouviu a voz de Sarah, desesperada:

— Respira.

Uma-duas-três-compressões. A voz dela era como o estalar da fogueira. Um barulho ritmado e calmo – o melhor som do mundo. Uma-duas-três. Os cabelos sedosos se encostaram contra a pele, como cobertores vermelhos e aveludados. Uma-duas... Os lábios, de novo, vento doce na boca.

To die by your side, it's such a heavenly way to die⁵.

Um.

Larissa Brasil

Sobre a autora

Larissa Brasil mora em Goiânia, no coração do Brasil, com o marido e seu poodle, Lua. Foi finalista do 1º Prêmio Aberst de Literatura 2018, com "O Conto do Coronel Fantasma" na categoria horror, e venceu a categoria **Autora Revelação 2018**. O primeiro suspense, "**A Garota da Casa da Colina**" foi publicado pela, pela Monomito Editorial. E o livro "**Onde o Vento Faz Curva**" foi lançado de forma independente. Prepara o seu segundo livro físico, um romance policial chamado "**Negro**".

⁴ Música do The Smiths. Tradução – “Deus, minha chance chegou, afinal.”

⁵ Música do The Smiths. Tradução – “Morrer ao seu lado, é um modo divino de morrer.”